



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12487 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

## **VIOLÊNCIAS DE GÊNERO NA ESCOLA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Adriana da Silva Dias - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Sirlene Mota Pinheiro da Silva - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

## **VIOLÊNCIAS DE GÊNERO NA ESCOLA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

### **1 INTRODUÇÃO**

Entendemos a violência como um fenômeno multicausal e apresenta uma gama de fatores negativos na vida das pessoas. Suas manifestações permeiam os mais variados espaços da sociedade, fazendo-se presente nas esferas públicas e privadas, perpassando constantemente o cotidiano da escola. E, nos últimos anos têm mostrado suas faces numa maior frequência, nos ambientes virtuais, preocupando profissionais da educação, saúde e pesquisadores/as de diversas áreas do conhecimento.

Mediante esse contexto, este trabalho refere-se a um recorte do projeto de pesquisa, em andamento, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e tenta responder ao seguinte questionamento: quais as violências de gênero ocorridas no cotidiano escolar e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem? Assim, objetivamos analisar formas de violências de gênero ocorridas no cotidiano escolar e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem.

Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que consiste na necessidade da realização de um estudo sistematizado em livros, artigos científicos publicados em periódicos de natureza diversa, dentre outros, sejam impressos ou disponíveis em plataformas digitais. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 158) “A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de

importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”. Com este entendimento, a seguir, discutimos algumas definições sobre a violência e a violência de gênero que ocorre no ambiente escolar e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem.

## **2 VIOLÊNCIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: algumas discussões**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como “[..] o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (KRUG *et al.*, 2002, p. 5), fazendo-se presente nas esferas públicas e privadas, nos espaços físicos e virtuais.

Para tal, estudos desenvolvidos na última década também revelam que muitos dos episódios violentos que perpassam o contexto escolar estão diretamente interligados as regras de gênero e sexualidade estruturadas no sistema patriarcal-heteronormativo. Uma vez que tais instituições não estão imunes das estruturas macro e micro sociais, sobretudo, do sexíssimo e do machismo, ambos predominantes na construção das relações sociais, em especial, na brasileira.

Os escritos de Xavier Filha (2015) colocam a violência como um produto das complexas relações historicamente construídas e multifacetadas em que suas faces envolvem diferentes realidades, valores e sentidos culturais de uma sociedade, fazendo-se presente no contexto familiar, social, econômico, ético, jurídico, político etc. Sendo assim, para compreendê-la ou dialogar acerca da sua estrutura numa dada sociedade, quase sempre, faz-se necessário considerar os aspectos sócio-históricos, como forma de compreender as variadas formas de violências.

A violência física é aquela que perpassa as relações dos grupos, infligindo a integridade dos outros grupos e contra o próprio indivíduo, “seria a ação com o uso do porte de armas que ferem, sangram e matam” (SANTOS, 2016, p. 7). Acredita-se, portanto, que a efetivação da violência física/ agressão física, não se concretiza apenas com porte de armas letais. A força física (chutes, socos, beliscões, empurrões, bater com a régua ou apagador, tapas, puxar cabelo, segurar os pulsos, etc.) é exemplo de prática de violência física contra outrem. Além disso, os objetos que compõem a estrutura arquitetônica da própria escola, por exemplo mesas e carteiras, podem ser utilizados nas resoluções de conflitos.

A violência verbal “seria as incivildades, humilhações e palavras grosseiras, intimidações ou *bullying*” (SANTOS, 2016, p. 7). Essa categoria de violência se apresenta por meio de palavrões, xingamentos, apelidos, chantagens, abusos, etc. A violência simbólica são práticas sutis de violências dentro ou fora da escola muitas vezes não vistas como ações violentas (SANTOS, 2016), ultrapassando até mesmo os documentos oficiais norteadores dos currículos escolares estabelecidos pelos sistemas de ensino. Lembra-se que todo tipo de

violência assegura a violência psicológica. Esta se dá em toda ação ou omissão que acaba causando danos à autoestima, à identidade e o desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos.

A violência psicológica inclui insultos frequentes, humilhações, chantagens, desvalorizações, isolamento de amigos/as e familiares, ridicularização do outrem, manipulações afetivas, repúdios, explorações, negligências, ameaças, privação arbitrária da liberdade, tais como, impedir de trabalhar, estudar, cuidar da aparência, de brincar, dentre outros/as (BRASIL, 2001).

Segundo Saffioti (2013) a violência de gênero em um conceito mais amplo abrange vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. Nesse sentido, mesmo que não haja nenhuma tentativa de desvio por parte desses seres do prescrito pelas normas sociais, ainda assim, o projeto de execução de dominação-exploração da expectativa social “homem” exige que sua capacidade de imposição e mando sejam auxiliados pelo uso da violência. A execução de dominação-exploração permeia e atinge as distintas relações, a saber, esposos/esposas, filhos/filhas, irmãos/irmãs, avôs/avós, sobrinhos/sobrinhas, amigos/amigas e outras pessoas fora do ciclo familiar. A autora também destaca que nada impede, mesmo que de modo inusitado que uma mulher se aproprie do uso do poder e acabe praticando aquilo que é visto como algo habitual do sexo oposto. Dentro das relações hierárquicas, as mulheres em algum momento podem praticar episódios de violências contra o marido, companheiro/a, namorado/a, filhos/as, etc.

Dornelas *et al.*, (2016) reforça que, a complexa violência social, não ultraja apenas os espaços privados, mas também aqueles espaços de domínios públicos, onde seus efeitos perpassam o funcionamento dos contextos institucionalizados, dentre eles, a escola. Explicita também que a violência, é um grave problema de Saúde Pública, Educacional e desrespeito dos Direitos Humanos. Por outro lado, Gama, Veríssimo & Tomás (2017) demonstram que o fenômeno da violência se perfaz de múltiplas facetas e, entre elas, encontra-se o “gênero”. Evidenciam, portanto, que o fenômeno da violência é complexo e atravessado de discursos difusos que potencializam sua invisibilidade, ao mesmo tempo que a torna uma realidade em todos os segmentos e instituições sociais, incluindo as escolas.

### **3 VIOLÊNCIA DE GÊNERO NAS ESCOLAS: implicações no processo de ensino e aprendizagem**

Como violência de gênero na escola compreende-se os diversos atos violentos com ênfase na desigualdade de gênero inerente às relações de poder e suas interseccionalidades, podendo acontecer entre qualquer pessoa independente da identidade de gênero e orientação sexual. As representações de gênero são pensamentos e ações naturalizados de diferenciação de tempo e espaço para os sujeitos com ênfase no sexo biológico, construídos e legitimados no âmbito da cultura (LOURO, 2013).

Conforme Charlot (2002) existe três eixos desse fenômeno no espaço escolar, sendo

elas: a violência à escola, a violência da escola e a violência na escola. A primeira é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligado à natureza e às atividades da instituição, é o tipo de violência que poderia acontecer em qualquer outro local no contexto social. A segunda está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar. Por último, a violência da escola é uma violência institucional, simbólica, exercida por meio da maneira como a instituição e seus agentes os tratam.

Entendida como um fenômeno estrutural e multicausal as violências apresentam uma gama de fatores negativos na vida das pessoas, sejam eles físicos, psíquicos, cognitivos, afetivos e materiais. Onde tais causas e efeitos são independentemente das frequências, formas e dos lugares que os indivíduos a experienciam. Considerando, portanto, que suas configurações interpelam as relações humanas e os múltiplos espaços sociais, entende-se também que, as expressões violentas fazem-se presentes no cotidiano escolar, nos seus diversos aspectos. Que para Campos (2021) a violência no ambiente escolar interfere negativamente na vida de professores e estudantes onde se manifestam de forma verbal, física e simbólica.

Consideramos que nem sempre tais violências são apenas intrínsecas à escola e suas dependências, é possível que antes mesmo da entrada de sujeitos e sujeitas nesse espaço já vivenciem em algum momento de suas vidas episódios violentos em outras instituições que estão inclusos: a família, os grupos de amigos/as ou na própria comunidade. Em se tratando da fase estudantil, estima-se que crianças e adolescentes vítimas desse fenômeno se mostram desalentadas e com as mais variadas limitações e até mesmo excluídas do processo de ensino e aprendizagem (UNESCO, 2019).

Moreira *et al.*, (2021) também esclarece que as violências que transcorrem o cotidiano das escolas legitimadas nas normas de gênero (heteronormativas), muitas das vezes não vistas como tais; excluem, discriminam e contribuem para que crianças e adolescentes se tornem poucos afetos a esse espaço, chegando até mesmo a abandoná-lo. Reitera ainda que essas violências têm alta complexidade nos problemas de aprendizagens dos/das estudantes, mas recebem explicações reducionistas e essencialistas pelos profissionais de educação, quer sejam nas condições biológicas ou nos modos de socialização de meninos e meninas, nesses espaços.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No estudo em desenvolvimento, buscamos a teorização sobre as violências de gênero na escola e suas implicações no processo de aprendizagem dos estudantes. Tendo em vista os elementos socioculturais-hegemônicos que condicionam as facetas das violências, assim como as dimensões essencialistas de gênero e sexualidade que envolvem os sistemas de ensino brasileiro, perpassando até as práticas pedagógicas e educativas, da escola. Coexistindo a (re)produção das concepções essencialistas naturalizadas de masculinidades e feminilidades, no tocante às posturas, preferências e formas de aprender dos indivíduos a

partir de suas diferenças percebidas, refletidas em ações violentas visíveis e não-visíveis.

Entendemos que a escola quando se preocupa e coloca no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas e educativas, mesmo que de forma transversal, temas como a desigualdade de gênero, sexualidade e orientação sexual ressignifica posturas, paradigmas, conceitos equivocados, pensamentos e ações estigmatizantes acerca das características físicas e cognitivas dos indivíduos, as quais são ingredientes de diferentes episódios de violências, violências de gênero, violências de gênero na escola e nos seus arredores.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço. **Cadernos de Atenção Básica nº 8**. Brasília, 2001. Disponível em: <[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05\\_19.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2022.
- CAMPOS, M. E. A de L. **A tessitura da violência**: motivação e manifestações no ambiente escolar. 2021. Tese apresentada ao Programa de PósGraduação em Educação em Ciências (PPGEC) do Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação em Ciências. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/234762>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão, **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- DORNELAS, R. *et al.* Situações de violência na escola e a voz do professor. **Codas**, Sergipe, v. 09, n. 04, p. 1 – 4, abr 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/codas/a/M7s4pXvBDnyv6FdR3bzX>>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- GAMA, A.; VERISSIMO, A.; TOMAS, C. Violência no Namoro na Escola Superior de Educação de Lisboa. **Ex - aequo**, Lisboa, v. 1, n. 36, p. 77 – 98, dez 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n36/n36a06.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2022.
- KRUG, E. G *et al.*, **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Organização Mundial da Saúde, Genebra, 2002. Disponível em: <<http://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br>>. Acesso em: 08 ago. 2022.
- LAKATOS, E.V; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós estruturalista. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Disponível: <https://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/e-books/secao-1-10-32-de-de-finibus-bonorum-et-malorum-escrita-por-cicero-em-45-ac>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- MOREIRA, M. I. C. *et al.* Relações de Gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte: Formação Docente Continuada. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 26, n. 0, p. 1 – 9. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/t3RfTjJzqxcpmm4>>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 4ª. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.
- SANTOS, H. dos. **A violência presente nas relações entre alunos e professores no contexto escolar**: um estudo bibliográfico. Pós-graduação em Educação e Direitos Humanos:

escola, violências e defesa de direitos. Universidade do Sul de Santa Catarina. Araranguá, 2016. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br>>. Acesso em: 28 ago. 2022.

UNESCO. **Violência escolar e bullying**: relatório sobre a situação mundial. – Brasília: Unesco, 2019. 54 p. Disponível em: <<https://prceu.usp.br/repositorio/violencia-escolar-e-bullying-relatorio-sobre-a-situacao-mundial/>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

XAVIER FILHA, C. Violências e direitos humanos em pesquisa com crianças. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 0, p. 1569 – 1583, dez 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a//X3n7c5BYjnV7PnbhGXYk56K/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 11 ago. 2022.